

Muralhas Medievais de Setúbal



MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA
ASSEMBLEIA DISTRITAL DE SETÚBAL

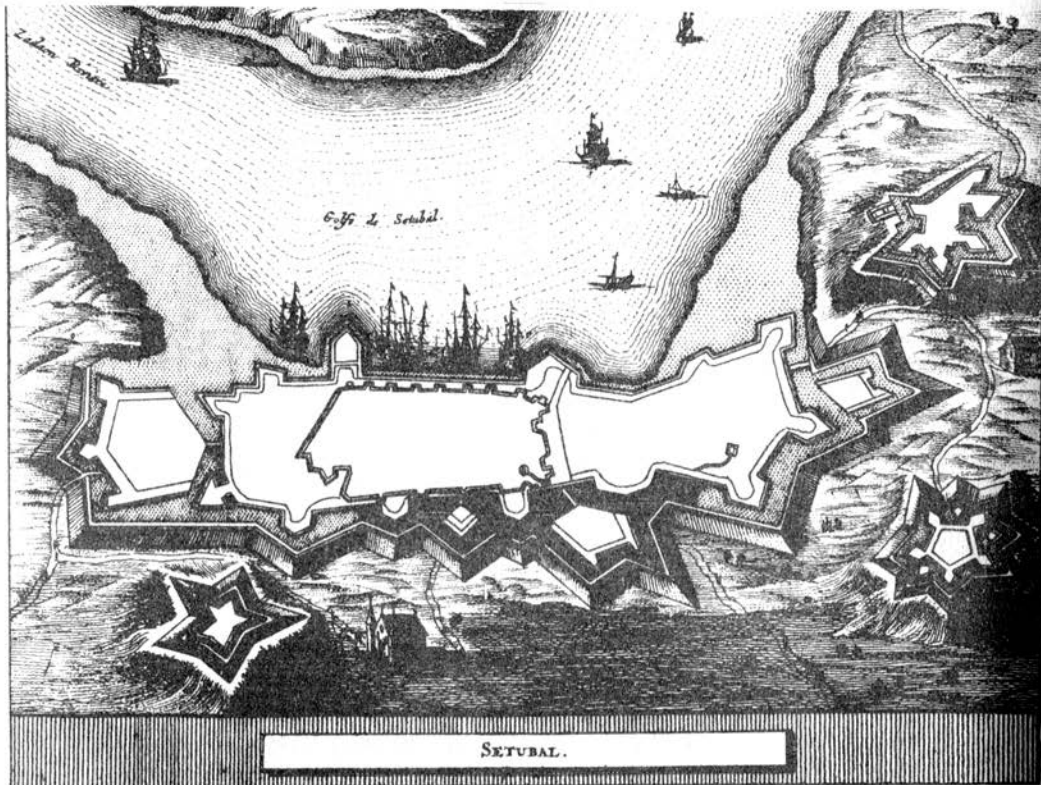
1982

AS MURALHAS MEDIEVAIS DE SETÚBAL

JOAQUINA SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA

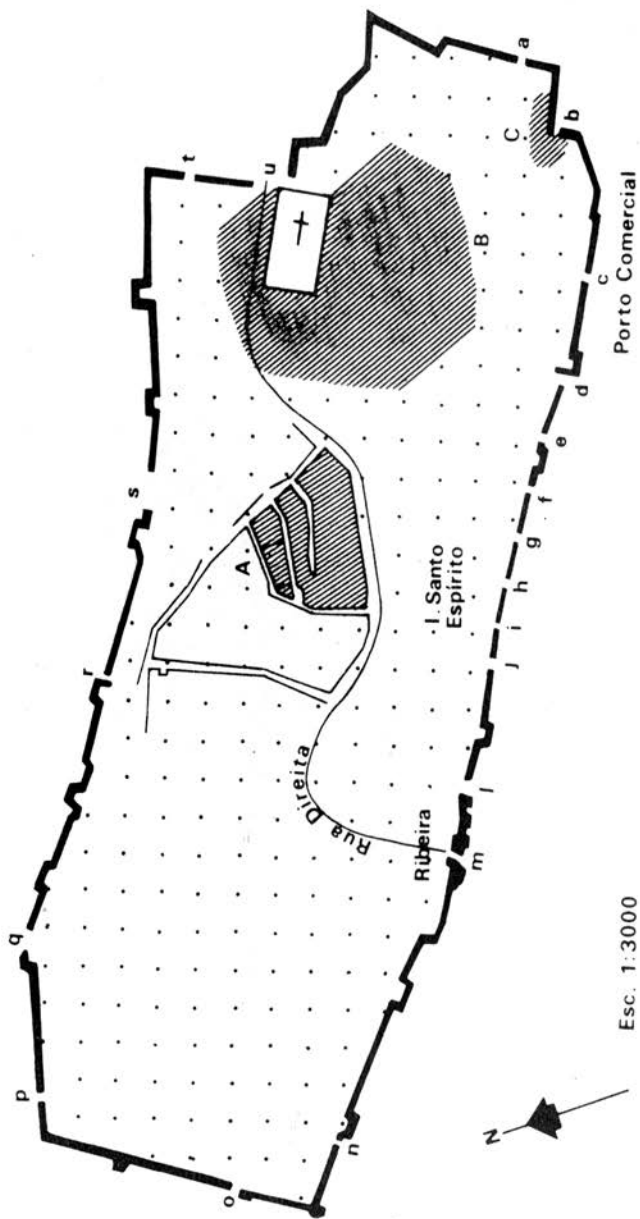
No século XIV, Setúbal afirma-se como centro urbano detentor de excedentes e bens a defender dos perigos que vinham do mar — as frequentes investidas dos piratas que batiam as nossas costas. É construída, então, a expensas da população, a primeira linha de muralhas. Delimitava uma área de contorno geral rectangular, de eixo maior (de direcção E.-W.) paralelo à margem do estuário e com o dobro do comprimento do eixo transversal, de direcção N.-S., facto que evidencia a estreita dependencia da povoação relativamente ao rio. Esta relação de proximidade manter-se-á activa ao longo de todo o percurso histórico. A área abrangida pela muralha do século XIV encontra-se, hoje, limitada pelo Miradouro e Palhais, a Este; Av. 5 de Outubro, a Norte; Av. 22 de Dezembro, a Oeste e Av. Luísa Todi, a Sul.

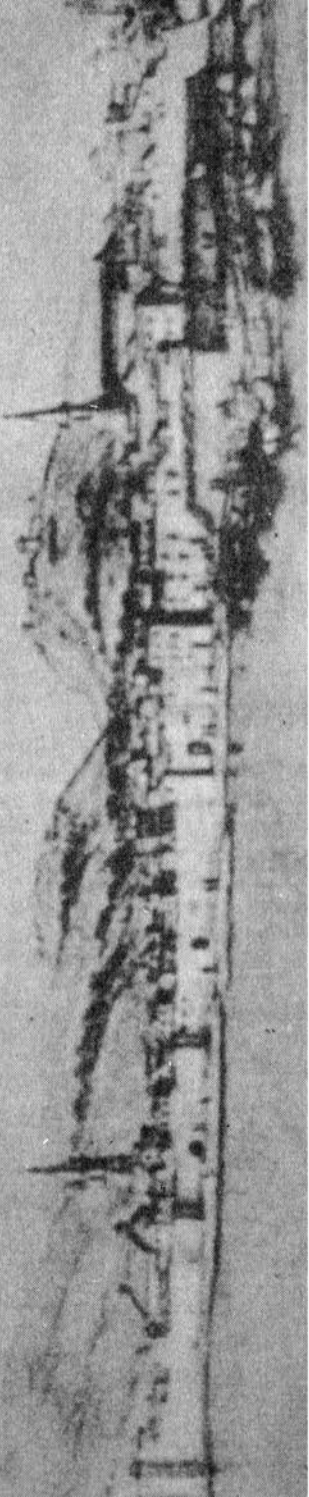
A muralha foi objecto de descrição efectuada em 1758 por diversos párocos das freguesias de Setúbal, em resposta a um inquérito promovido pelo padre Luís Cardoso. A partir dessas narrativas, do exame da planta da vila de Setúbal levantada em 1804, da identificação dos troços existentes actualmente e ainda da análise da rede viária e da toponímia, foi possível conhecer o traçado original da fortificação. Ao prior da



1 — Gravura do séc. XVIII com a representação esquemática das muralhas medievais envolvidas pelas fortificações seiscentistas, incluindo os Fortes Velho e da Estrela. Podem também observar-se os conventos de S. Francisco e de S. João, bem como a fortaleza de S. Filipe. De notar que o lado Sul da fortificação medieval, o mais exposto às investidas da pirataria, era mais densamente reforçado por torreões, sobretudo quadrangulares. Em número de vinte, os torreões, quadrangulares, oblongos e hexagonais apresentavam-se coroados por merlões.

2 — Traçado da primeira linha de muralhas (1325-1360, reinados de D. Afonso IV e de D. Pedro I): a) Porta de S. Sebastião; b) Postigo da Moura Encantada; c) Postigo do Cais; d) Postigo do Ouvidor; e) Postigo das Farinhas; f) Postigo de João Galo; g) Postigo da Alfândega; h) Postigo dos Engeitados; i) Postigo de Frei Gaspar; j) Postigo da Pedra; l) Postigo de S. Cristóvão; m) Postigo do Portão da Ribeira; n) Postigo das Lobas; o) Porta Nova; p) Porta de Santa Catarina; q) Postigo do Buraco da Água; r) Porta de Évora; s) Postigo de St.º António; t) Postigo de S. Jorge; u) Porta da Vila. São também representados os principais núcleos habitacionais da Setúbal do séc. XIV: A — Judiaria; B — Núcleo de St.ª Maria (centro administrativo); C — Mouraria.





3 — Reprodução de gravura de 1668.

Nota-se com apreciável pormenor o pano Sul da muralha medieval. De salientar as representações do torreão hexagonal do vértice SW (actual edifício da P.S.P.) e da porta de S. Sebastião que o pároco da freguesia do mesmo nome viria, em 1758, a descrever como «(...) hua porta principal feita com primor da arte toda de pedraria de jaspe da mesma serra da Arrábida, a qual em parte se arruinou com o terramoto de mil sete centos sincoenta e sinco, (...)».

A vila estendia-se já para o exterior do pano meridional da fortificação como se pode ver pelo avanço de diversas construções. Na gravura pode ainda observar-se a construção do baluarte do cais, pertencente à 2.^a linha defensiva. No momento fixado pela gravura, a fortificação medieval continuava a ter um importante papel na defesa da vila. A Câmara havia criado em 1621 limitações à construção nas zonas adjacentes às muralhas; em 1628 consertava o postigo de Santo António e em 1642 mandava tapar as portas e janelas que alguns particulares tinham aberto na fortificação.



4 — Extracto da planta de Setúbal levantada em 1804 com a implantação da fortificação medieval.

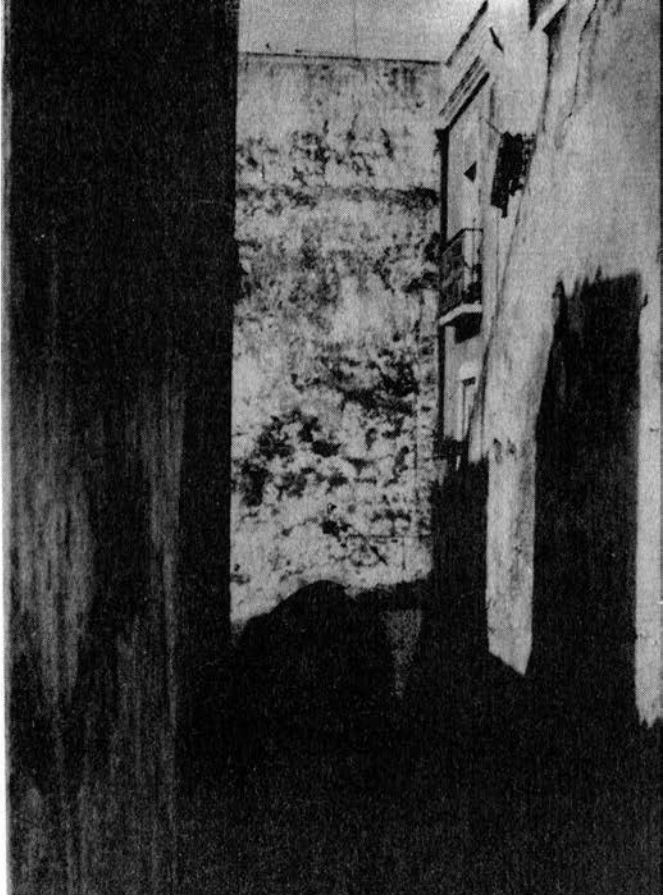
freguesia de Santa Maria da Graça deve-se a descrição mais detalhada: «O muro desta (fortificação) tem quatorze até quinze palmos de grosso com vinte torreões em desigual distância, huns de forma quadrada, outros de quadratos oblongos e dous em figura hexagona; hum chamado da Homenagem no Portão da Ribeira, e outro na esquina do convento antigo dos Carmelitas dscalsos. Este muro tem diferentes portas e postigos, a saber da parte do Norte a porta ou postigo de Santa



5 e 6 — Da porta de S. Sebastião subsiste o arco, em brecha da Arrábida. Corresponde a uma importante abertura na muralha medieval. Quando em 23 de Outubro de 1598 a peste se anunciava devastadora e a Câmara determinava que fossem consertadas portas e postigos a fim de serem encerrados, as portas de S. Sebastião, de Santa Maria, da Erva (Évora), Nova, da Ribeira e o Postigo das Farinhas (serviço de moleiros e marítimos) manter-se-iam abertos. (A fotografia da fig. 6 é da autoria de F. Motrena).

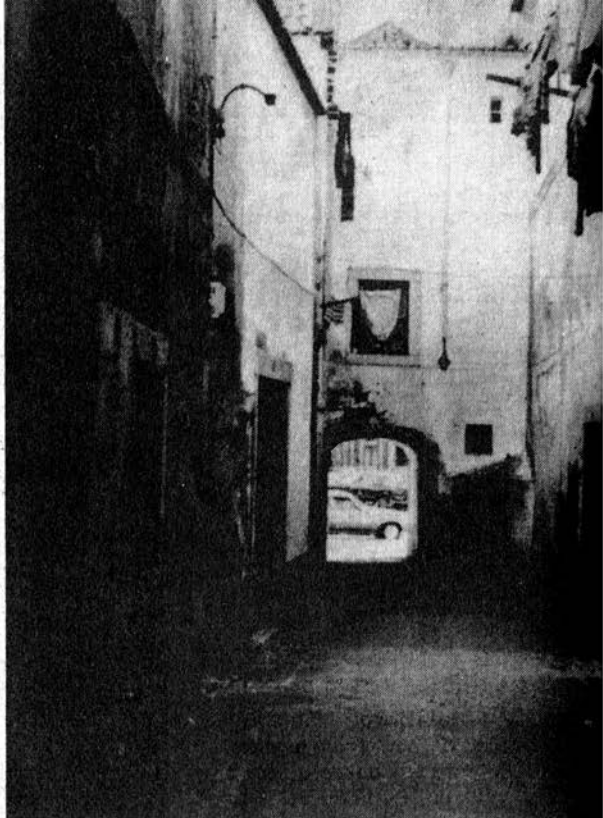


7 — Postigo da Moura Encantada, conhecido também, pelo menos desde o século XVIII, por Porta do Sol. Esta abertura situa-se na zona onde, muito possivelmente, existiu a Mouraria. Vista obtida do exterior



Catharina; o postigo do Buraco da Agoa; a porta de Evora, onde em hum torreão está o armazem da polvora; o postigo de Santo Antonio. Da parte do Oriente o postigo de São Jorze, e a porta de São Sebastião. Da parte do Sul o postigo da Moura Encantada, o postigo do Caes, o postigo do Carvão, o postigo das Farinhas, o postigo de João Gallo, o postigo da Alfandega, o postigo dos Engeitados, o postigo de Frei Gaspar, o postigo da Pedra, o postigo de São Christovam, o postigo do Portão da Ribeira, e o postigo das Lobas. Da parte do Ocidente a porta Nova».

Talvez por lapso, o prior de Santa Maria não alude à Porta da Vila que se situaria nas imediações dessa igreja. Com efeito, é referida desde o século XVI e des-



crita em 1758 pelo pároco da freguesia de S. Sebastião. Por outro lado, este prior designa a Porta de Évora por postigo da Senhora da Conceição e o postigo da Moura Encantada por Porta do Sol e diz ainda que o Postigo do Carvão se chamava antigamente Postigo do Ouvidor.

A dilatação da povoação irá provocar o alargamento de postigos e a demolição de muitos troços.

No século XVI, D. João III ordenou a seu primo, o mestre da Ordem de São Tiago, «que se fizesse uma porta grante ao postigo (Buraco da Agua — Rua Tenente Valadim) do muro que está aos canos que sahem para o Rocio (Bonfim)».

Em 1642, durante as guerras da Restauração, o rei determinou, tendo em vista a defesa da vila, que, enquanto a nova fortificação não estivesse concluída, fossem fechados os vãos das portas e janelas abertos

8 — Postigo do Cais. Av. Luisa Todi. (Aquarela de Augusto Júlio).

9 e 10 — Postigo de João Galo. Travessa dos Mareantes (fig. 9) e Av. Luisa Todi (fig. 10).



na muralha, por conta dos proprietários das casas a ela adossadas.

Em uma gravura do século XVII (1669) é possível observar o avanço das casas relativamente ao lado sul da muralha, cujo pano é, assim, substituído por aquelas entre o Postigo do Caes e o do João Galo.

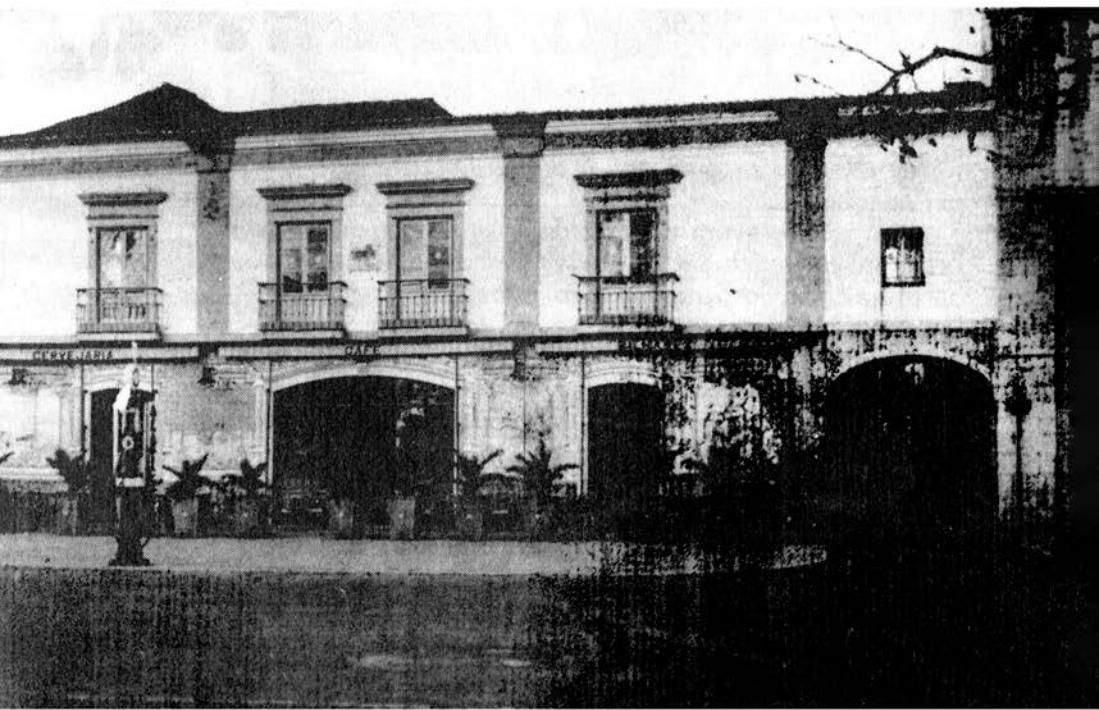
O sismo de 1755 provocou graves danos na Porta de S. Sebastião, de boa construção e possuindo cantarias em brecha da Arrábida, e no postigo de Santa Catarina.

A planta da vila levantada em 1804 mostra-nos, no lado Norte, a existencia de construções encostadas à face externa da muralha, entre a Porta de Évora e o canto NE. da fortificação; no lado Sul, o avanço da povoação sobre a muralha é visível entre o Postigo do Caes e o de João Galo, entre o Postigo da Pedra e o de



11 — Postigo da Alfândega (já inexistente). Travessa da Alfândega. Fotografia de Americo Ribeiro, 1953.

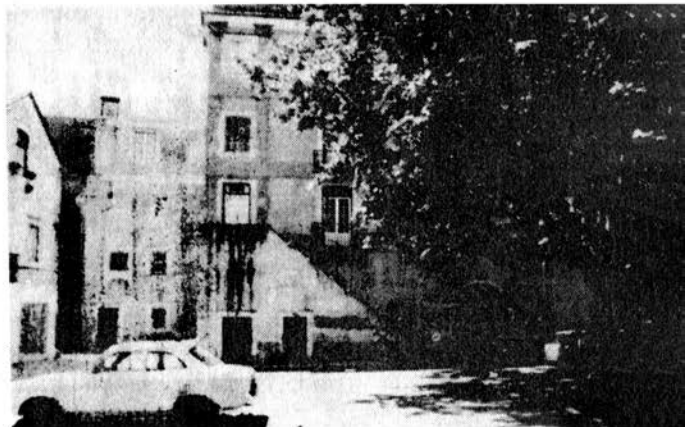
12 — Postigo dos Engeitados, integrado em um edifício do séc. XVIII já demolido. Av. Luisa Todi. Fotografia de Américo Ribeiro, 1930/1940.





13—Gravura do século passado com o Postigo do Portão da Ribeira. De salientar a presença de um dos dois torreões hexagonais da fortificação medieval. No espaço representado pela gravura fez-se a venda do peixe até aos finais do terceiro quartel do século XIX.

14 — Arco da Ribeira Velha (inserido em um edifício dos finais do séc. XIX), reminiscência do antigo Postigo do Portão da Ribeira. Largo Dr. Francisco Soveral.





15 — Vestígios do torreão hexagonal que existiu no canto SO. da linha das muralhas. Edifício da Polícia de Segurança Pública, Av. Luisa Todi e Av. 22 de Dezembro.

S. Cristóvão e ainda entre dois torreões situados a Este do Postigo das Lobas.

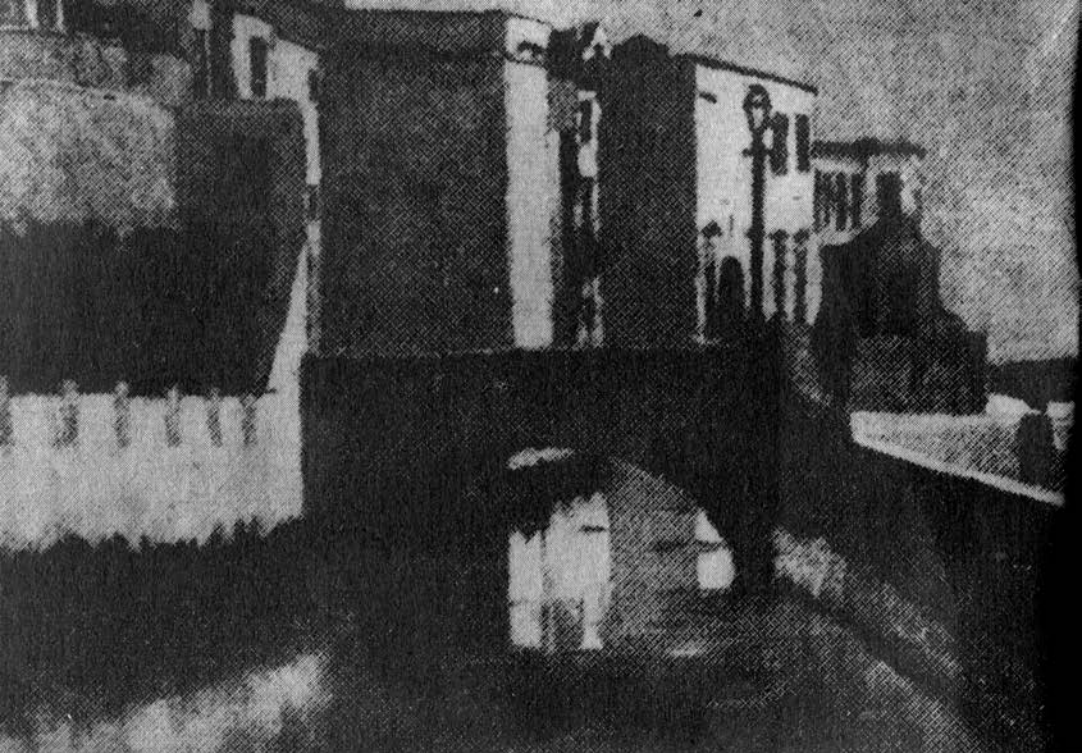
Na segunda metade do século XIX a municipalidade solicita autorização ao Governo para demolir a parte superior dos arcos e alargar as entradas das ruas, pois os postigos ou arcos, de pequenas dimensões, da fortificação antiga, que comunicavam com a Rua da Praia (actual Av. Luisa Todi) tornavam as ruas interiores mal iluminadas e pouco arejadas.

Actualmente é possível observar os seguintes vestígios: Porta do Sol, sem dúvida a melhor conservada, em arco ogival; Porta de São Sebastião; troços entre o Miradouro e o Pátio Gago da Silva; troço do edifício da Casa do Corpo Santo (Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida), junto do Largo do Quebedo; torre quadrangular na Av. 22 de Dezembro, em frente ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra; fundações de uma torre hexagonal, actualmente integrada no edifício da Polícia de Segurança Pública, na esquina da Av. 22 de Dezembro com a Av. Luisa Todi; troço de muralha e Postigo de João Galo, na Av. Luisa Todi e Postigo do Caes, na mesma avenida.

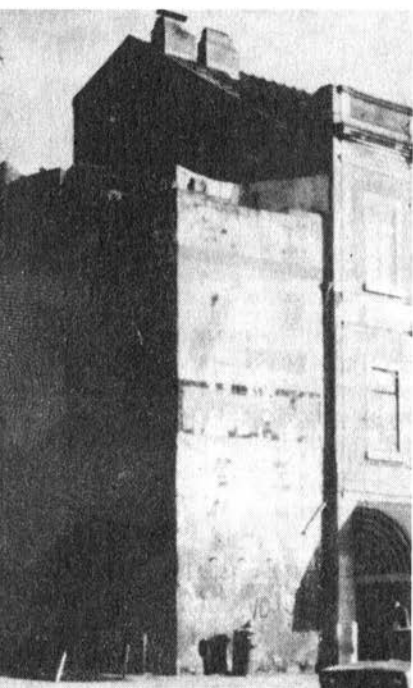
A importância económica que Setúbal atinge no século XIV e que esteve, como dissemos inicialmente, na origem da construção da muralha afonsina é igual-



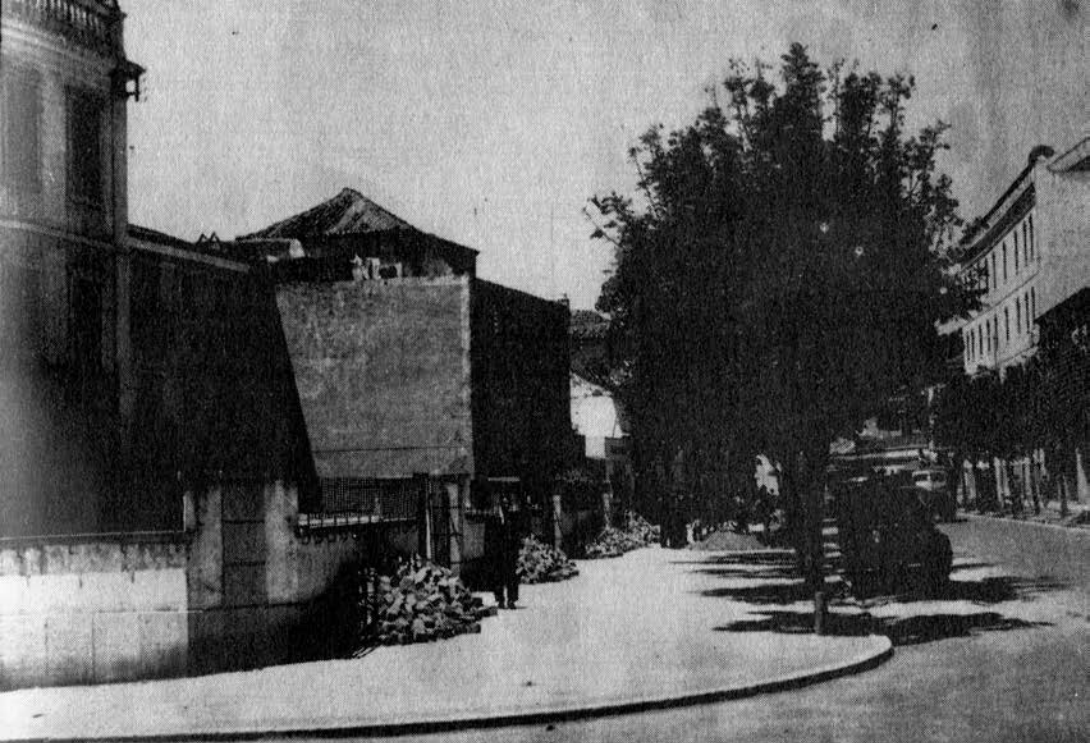
16 — A Porta Nova ligava a vila ao arrabalde de Troino. Entre as duas áreas corria a Ribeira do Livramento (agora coberta) ainda visível, tal como a ponte do Livramento, na presente fotografia, do final do século passado. A ponte do Livramento tinha sido reconstruída em 1835 por conta da Câmara Municipal, pois o temor de uma invasão pelas forças miguelistas determinara a sua demolição.



17 — Reprodução de pintura de João Vaz, mostrando um torreão quadrangular pertencente à primeira linha de muralhas. Em primeiro plano, a Ribeira do Livramento, com uma das suas pontes. Observa-se, em segundo plano, a Porta Nova e, ao fundo, a Ermida de Nossa Senhora do Livramento. Desta imagem, apenas resta o torreão quadrangular existente na actual Av. 22 de Dezembro.

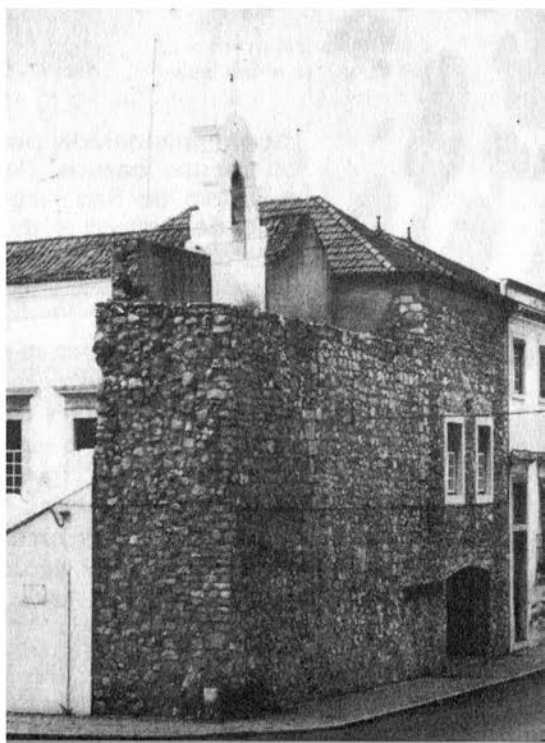


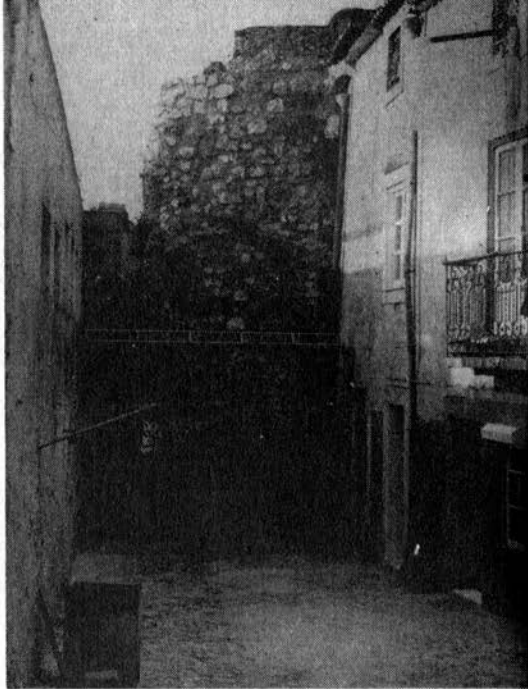
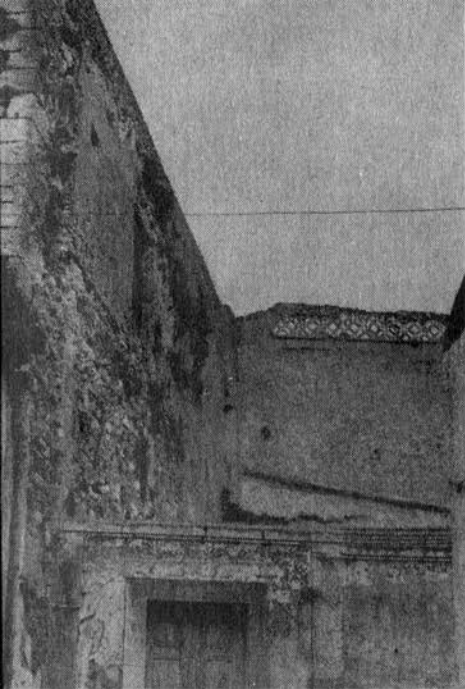
18 — Torreão quadrangular da Av. 22 de Dezembro.



19 — Torreão quadrangular que existiu na Av. 5 de Outubro, antiga Rua Nova da Conceição. Foi demolido aquando da construção da Estação de Serviço da B.P. Fotografia de Américo Ribeiro.

20 — Troço de um pano da muralha integrado na Casa do Corpo Santo, onde hoje funciona a Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida.



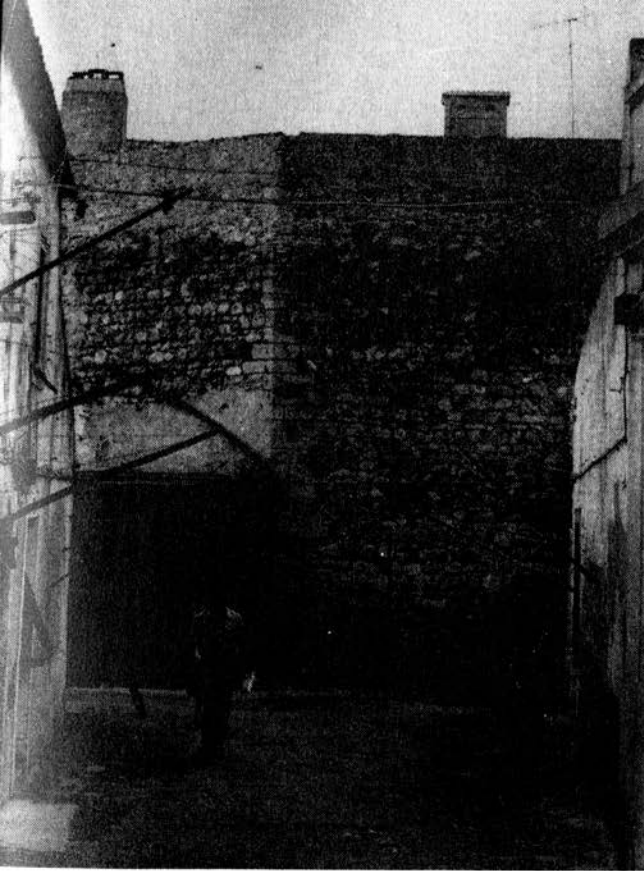


21 e 22 — Troços de muralha existentes na Rua da Paz e no Beco do Pinhana

mente assinalada por outros acontecimentos mais ou menos coevos. Deste modo, D. Dinis reconhecia à Ordem de São Tiago «o direito do Sal que no dito logo de Setuval e de Alcacer carregavam e tiravam pela dita foz» (referência que permite inferir produção superior ao consumo nacional e consequente exportação).

Em 1340 firmava-se o compromisso da Carta do Corpo Santo, corporação e confraria de mareantes e carpinteiros navais cujo orago era Santelmo. Instalava-se numa capela da igreja de Santa Maria e, mais tarde, no século XVII, é transferida para uma dependência do palácio dos Cabedos.

D. Afonso IV ordena que seja demarcado o termo de Setúbal. A 17 de Julho de 1343, após pedido apresentado, pelos seus procuradores, nas Cortes de



23 — Outro troço de muralha existente na Rua da Paz.

Montemor, Setúbal recebe uma área rural, suporte do aglomerado urbano, retirada dos concelhos de Palmela e de Alcácer do Sal e devidamente assinalada através de marcos.

Ainda durante o reinado do mesmo monarca são concedidos privilégios aos judeus, os quais residiam em Judiaria própria.



24 — Aspecto do lado Norte da Av. Luisa Todi, em 1952, vendo-se, da esquerda para a direita: o que restava do edifício onde funcionou a Casa das Águas; a abertura correspondente ao postigo dos Engeitados; um edifício de quatro pisos, do séc. XVIII, actualmente inexistente; uma fachada encimada por frontão triangular e na qual se abria o postigo da Alfândega, também já inexistente e, ao fundo, o postigo de João Galo. (Fotografia de Américo Ribeiro).

